

O jogo de pintar de Arno Stern no Ateliê Pintante do Instituto da Primeira Infância (IPREDE/CE)

Arno Stern's Painting game at the *Ateliê Pintante* of the Instituto da Primeira Infância (IPREDE/CE)

El juego de pintar de Arno Stern en el *Atelier Pintante* del Instituto de la Primera Infancia (IPREDE/CE)

Luciane Germano Goldberg¹

 <https://orcid.org/0000-0002-4140-3864>

Resumo: Este artigo apresenta os princípios teóricos e práticos do “Jogo de Pintar” de Arno Stern (Stern, [19--], 1974, 1978, 2011, 2016) e as reverberações dessa prática no Projeto de Extensão “Ateliê Pintante”, parceria entre a Universidade Federal do Ceará (UFC) e o Instituto da Primeira Infância (IPREDE/CE), com crianças em extrema vulnerabilidade social, por meio de pesquisa empírica. O “Jogo de Pintar” acontece em um ateliê diferenciado, o “Closlieu” (do francês “lugar abrigado”), e proporciona a livre expressão e o desenvolvimento da imaginação das crianças, as quais “jogam” com gestos, formas e cores em suas criações espontâneas. Concluiu-se que o “Jogo de Pintar” contribui significativamente para a criação de um espaço de autoconfiança, autonomia e liberdade, essenciais para o processo criativo das crianças, que encontram nesse jogo a oportunidade e as condições adequadas para sua autoexpressão e constituição de si por meio da pintura.

Palavras-chave: Jogo de Pintar. Arno Stern. Instituto da Primeira Infância.

Abstract: This article presents the theoretical and practical principles of Arno Stern's Painting Game (Stern, [19--], 1974, 1978, 2011, 2016) and the reverberations of this practice in the Extension Project “Ateliê Pintante,” a partnership between the Federal University of Ceará (UFC, acronym in Portuguese) and the Institute for Early Childhood (IPREDE/CE, acronym in Portuguese), with children in extreme social vulnerability, through empirical research. The “Painting Game” takes place in a unique studio, the “Closlieu” (from the French “sheltered place”), and provides free expression and the development of children's imagination, who “play” with gestures, shapes, and colors in their spontaneous creations. It was concluded that the “Painting Game” significantly contributes to the creation of a space of self-confidence, autonomy, and freedom, essential for the creative process of children, who find in this game the opportunity and suitable conditions for their self-expression and self-formation through painting.

Keywords: Painting Game. Arno Stern. Early Childhood Institute.

Resumen: Este artículo presenta los principios teóricos y prácticos del Juego de Pintar de Arno Stern (Stern, [19--], 1974, 1978, 2011, 2016) y las repercusiones de esta práctica en el Proyecto de Extensión “Ateliê Pintante”, una colaboración entre la Universidad Federal de Ceará (UFC) y el Instituto de la Primera Infancia (IPREDE/CE),

¹ Professora Doutora do Departamento de Teoria e Prática do Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Professora do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) – Mestrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). E-mail: lucianegoldberg@ufcbr.

con niños en situación de extrema vulnerabilidad social, por medio de una investigación empírica. El “Juego de Pintar” se lleva a cabo en un taller diferenciado, el “Closlieu” (del francés “lugar protegido”), y proporciona la libre expresión y el desarrollo de la imaginación de los niños, quienes “juegan” con gestos, formas y colores en sus creaciones espontáneas. Se concluyó que el “Juego de Pintar” contribuye significativamente a la creación de un espacio de autoconfianza, autonomía y libertad, esenciales para el proceso creativo de los niños, quienes encuentran en este juego la oportunidad y las condiciones adecuadas para su autoexpresión y constitución de sí mismos por medio de la pintura.

Palabras-clave: Juego de Pintar. Arno Stern. Instituto de la Primera Infancia.

“Feliz como uma criança que pinta”: Introdução

*Quando a criança pinta, o mundo
encolhe-se até a dimensão de uma folha de papel, a folha
transborda os seus limites
e torna-se o mundo. Não é mais uma superfície branca,
mas sim um écran onde se desenrola uma aventura. A
criança exprime-se: o seu passado torna-se actualidade e as
suas aspirações realizam-se; é o jogo muito sério da criação
plástica.*
Arno Stern ([19--], p. 59).

“Feliz como uma criança que pinta” é uma frase de Arno Stern, educador alemão radicado na França, que nos deixou neste ano de 2024, aos 100 anos de idade. Stern criou o Jogo de Pintar a partir de uma prática experiencial e intuitiva nascida no pós-2ª Guerra Mundial, em 1946, em uma casa de órfãos de guerra em Fontenay, França. A partir dessa experiência, ele criou, em 1950, em Paris, um espaço denominado “L’académie du Jeudi” que, em 1986, passou a se chamar “Closlieu” (do francês “lugar abrigado”). Lá, ele desenvolveu o Jogo de Pintar até a atualidade, deixando uma contribuição única e singular para a arte na primeira infância. Exponente da “livre expressão”, Arno Stern ainda é pouco conhecido no Brasil, visto que há pouquíssimas publicações de sua obra em língua portuguesa e as que foram traduzidas são bastante antigas, datando da década de 1970.

Assim sendo, neste artigo, temos como objetivo apresentar o Jogo de Pintar de Arno Stern e as suas reverberações com crianças em extrema vulnerabilidade social no Projeto de Extensão “Ateliê de Pintura Livre do Iprede: educação criadora na primeira infância”, o “Ateliê Pintante”, uma parceria entre a Universidade Federal do Ceará (UFC) e o Instituto da Primeira Infância (IPREDE) no Ceará (CE). Para apresentar o *Closlieu* e o Jogo de Pintar, utilizamos como base as obras mais recentes de Arno Stern (2011, 2016), assim como as mais antigas, traduzidas para o português (Stern, [19--], 1978). Também nos serviram como fontes o *site* oficial de Arno Stern e seu canal no *YouTube*.

Sobre os aspectos da prática do Jogo de Pintar no IPREDE/CE, compartilhamos resultados de pesquisa empírica realizada com crianças de 3 a 7 anos, em vulnerabilidade social, no interior do Ateliê Pintante entre 2022 e 2024, refletindo sobre as contribuições do Jogo de Pintar e do Ateliê Pintante

como um espaço único de livre expressão por meio da pintura, onde as crianças podem se apropriar dos materiais e do espaço e livremente elaborar aquilo que têm dentro de si, sem modelos e julgamentos, ao mesmo tempo em que podem externar seus mundos de vida como se em um diário autobiográfico plástico.

O Ateliê Pintante, como espaço para experiências artísticas e estéticas livres e espontâneas, é um refúgio para as crianças, e a arte é meio potente de elaboração, expressão e constituição de seus mundos de vida. Devemos, assim, garantir e defender esses espaços de expressão por meio da arte, especialmente com públicos tão desfavorecidos.

O Ateliê *Closlieu* e o Jogo de Pintar de Arno Stern

*On croit qu'avec un pinceau à la main, l'enfant apprend à dessiner; mais, dans le Closlieu, avec un pinceau à la main, l'enfant apprend à être.*²
Arno Stern (2011, p. 109).

Para conhecer o Ateliê *Closlieu* e o Jogo de Pintar de Arno Stern (Figura 1), é necessário compreender seu caráter empírico, que se constitui de um espaço e de uma prática que nascem exclusivamente da experiência vivida, a partir da intervenção, observação e do conhecimento adquirido na própria prática ao longo de sete décadas, não a partir de teorias, métodos ou estudos científicos preconcebidos previamente e aplicados. Diante dessas particularidades, compreendemos que estamos diante de uma experiência que não se equivale nem se compara a nenhuma outra e que, portanto, é importante considerarmos seu caráter de exclusividade.

FIGURA 1 – Arno Stern em seu Ateliê *Closlieu* em Paris



Fonte: Imagens extraídas de Arno Stern Official Website.³

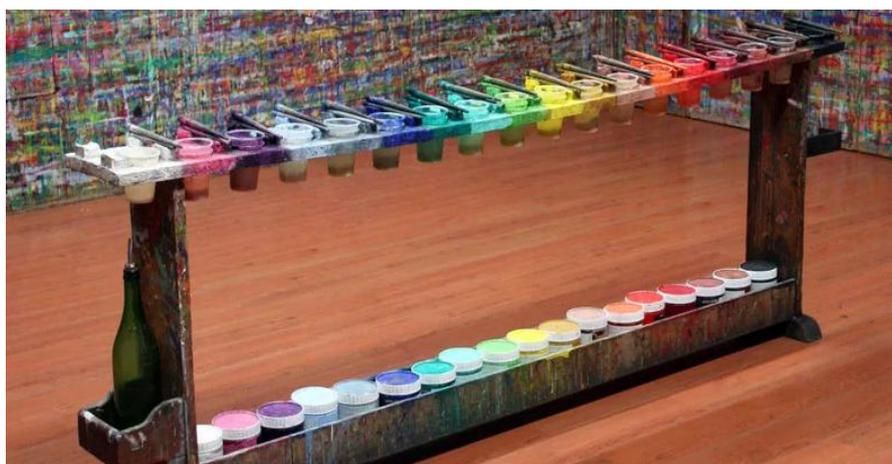
² “Nós acreditamos que com um pincel na mão a criança aprende a desenhar, mas no *Closlieu*, com um pincel na mão, a criança aprende a ser” (Stern, 2011, p. 109, tradução nossa).

³ Disponível em: <https://arnostern.com/the-closlieu/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

Tudo teve início em 1946, quando Arno Stern, aos 22 anos, assumiu um posto como educador/recreador na “Casa da Criança”, uma casa de órfãos de guerra, e lá resolveu trabalhar com pintura com as crianças. Ele relata que havia muitas crianças e pouco espaço, o que o levou a criar estratégias e organizar o espaço de modo a atender às necessidades do grupo e promover uma experiência significativa (Stern, 2011). A partir de uma mesa no centro da sala, ele dispunha o material para a pintura (tintas, pincéis, água etc.), as crianças pintavam nessa mesa, e aquelas que queriam fazer pinturas maiores passaram a ocupar as paredes como suporte. Aos poucos, as crianças passaram a usar somente as paredes e a fazer pinturas cada vez maiores, o que levou à retirada da mesa e dos bancos e à instalação de uma “prancha” no centro do ateliê com as tintas dispostas em variadas cores em godês e um pincel para cada cor (Stern, 2011).

Assim, a organização física inicial, derivada das necessidades do espaço e do movimento espontâneo das crianças, constituiu, então, aspectos vitais para a criação do espaço e da estrutura do Ateliê *Closlieu*, que permanece até a atualidade. A “prancha” disposta no centro da sala deu origem, posteriormente, à “mesa-paleta” (Figura 2), desenhada por Arno Stern em 1950. A mesa-paleta organiza-se a partir da disposição de tinta em 18 cores em godês de cerâmica, acompanhadas, cada uma, de um copo para água e três pincéis de diferentes tamanhos e espessuras dispostos por cor. Segundo Stern (1978, p. 70): “No dia em que inventei a mesa-paleta, resolvi um importante problema técnico: o que tornava possível o emprego dum material de boa qualidade tornado econômico em função da racionalização”.

FIGURA 2 – “Mesa-paleta” no *Closlieu* de Arno Stern, em Paris



Fonte: Imagem extraída de Arno Stern Official Website.⁴

⁴ Disponível em: <https://arnostern.com/the-closlieu/>. Acesso em: 27 out. 2024.

Stern (2011) conta que as cores da mesa-paleta foram escolhidas a partir das necessidades das crianças que pintavam regularmente na época – as cores mais usadas, aquelas mais solicitadas por elas. A mesa-paleta, a “estrela” do *Closlieu*, é o ponto de encontro entre os participantes, pois ela cria um “vai e vem” entre o coletivo e o particular ao se servirem dela. Conforme Stern (1978, p. 70): “A criança está na presença de um verdadeiro arco-íris, do qual pode tirar as cores cintilantes. A mesa-paleta é como uma mesa de festa ricamente guarnecida; convida a que se sirvam”. Ela “[...] é um verdadeiro teclado de cores sobre o qual cada tinta tem o seu lugar como os sons de um piano” (Stern, 1978, p. 71).

Ainda com a necessidade de mais espaço nas paredes para pintar no ateliê na Casa da Criança, Stern (1978) relata que cobre as janelas e cria um espaço fechado, sem interferência externa, aspecto que, segundo ele, traz efeitos significativos e importantes para o processo criativo no interior do ateliê, como a sensação de um lugar protegido que promova a imersão, como a “bolsa pré-natal”. Sobre isso, ele afirma:

O atelier parece uma célula. As suas quatro paredes têm grande importância. Constituem superfície útil não se deve perder uma parcela sequer à volta da sala. Portanto, nada de espaço vazio, nenhuma abertura inútil, o que quer dizer supressão obrigatória de todas as janelas. É indispensável criar um espaço fechado. As razões são de duas espécies; razões práticas, primeiro porque isto permite usar a maior superfície possível; razão mais subtil, é preciso criar um espaço denso, uma célula cujo ambiente de segurança lembre a da bolsa pré-natal (Stern, 1978, p. 68).

E assim se constitui o *Closlieu*, do francês “lugar abrigado”: uma sala sem janelas, com a mesa-paleta disposta no centro com suas 18 cores, onde se pinta em um papel fixado na parede. As paredes são revestidas, do chão ao teto, com um material isolante macio que permite o uso de “tachinhas”, as quais fixam os papéis na parede. Esse material é coberto por um papel pardo, o papel “kraft”, onde se depositam os “transbordamentos” das pinceladas das pinturas, em que vai se criando uma “textura dos rastros coletiva”. Ao longo do tempo, deve-se mover os papéis na parede para que toda sua superfície vá sendo coberta, formando a textura de traços horizontais e verticais coloridos, característica estética marcante do *Closlieu*.

Para Arno Stern (1978), o *Closlieu* é um espaço que permanece sempre o mesmo em termos de espaço e tempo, o que promove estabilidade e segurança, criando um clima de quietude propício à concentração. Para ele, o ser criador é positivo, capaz de superar as adversidades, e o ateliê de arte se constitui como terreno fértil para a promoção da expressão ao nível mais profundo do ser. Em suas palavras:

O mundo no qual vivem as crianças é móvel e instável. Muitas vezes elas têm dificuldade em fixar a atenção numa sociedade em rápida evolução e que está angustiada. O atelier aparece-lhes em contraste com o mundo exterior. Lugar

fechado, é um abrigo. Sempre igual, escapa às variações de hora e de estação. Está destinado a uma atividade exclusiva (Stern, 1978, p. 26).

Percebemos que as características e a permanência do espaço físico são uma condição importante para que o “jogo” aconteça, pois ele dita regras, de modo intuitivo e/ou orientado. O espaço, os materiais, os objetos outros, da forma como se organizam, impõem ao jogo um funcionamento, regras fundamentais que delimitam como se joga. Portanto, o *Closlieu*, em sua singularidade, configura-se em um espaço único, isolado, fechado, com características próprias definidoras de uma atividade especial, o Jogo de Pintar, que, de acordo com Arno Stern, se diferencia completamente de uma “aula de pintura” e que possui regras específicas, como poderemos ver a seguir.

O Jogo de Pintar e o papel do *Servant*

*L'art de peindre appartient aux artistes, le jeu de peindre à tous les autres.*⁵
Arno Stern (2011, p. 109).

Depois de compreender o espaço do *Closlieu*, há algumas regras básicas que organizam o Jogo de Pintar: o pintante chega no ateliê e é orientado a pegar uma folha, que se encontra sempre no mesmo lugar. Com a folha, ele escolhe onde quer pintar em uma das paredes do ateliê. O atelierista, denominado de *Servant* (do francês “servidor”), fixa o papel na parede com tachinhas no topo, posicionando o meio da folha na altura dos olhos do pintante e lhe entrega tachinhas para que fixe as pontas da parte de baixo do papel. Papel fixado, agora é possível ir à mesa-paleta e iniciar o Jogo de Pintar.

Pintar com os papéis fixados na parede proporciona liberdade ao corpo e aos gestos e uma bonita coreografia ao redor da mesa-paleta, onde todos se servem, aprendendo a dividir e esperar, caso queiram usar cores e pincéis ocupados. Não se deve jogar sozinho; a sessão é sempre coletiva, de preferência com participantes de idades variadas, sem limite de idade, o que Stern afirma ser positivo para o jogo, pois tal diversidade impede a comparação e a competição, além de regular as necessidades práticas e organizar as relações entre os participantes.

Os pintantes tornam-se, a cada sessão, cada vez mais autônomos e livres para desenvolver suas pinturas. Depois de uma ou duas sessões, já sabem como tudo funciona e vão aprimorando cada vez mais suas técnicas no uso das cores e no desenvolvimento das formas em suas criações; desse modo,

⁵ “A arte da pintura pertence aos artistas, o jogo de pintar a todos os outros” (Stern, 2011, p. 109, tradução própria).

aprendidas as regras, a atividade da pintura é, preponderantemente, o objetivo do jogo. Como afirma Stern (1978, p. 67-68):

O que põe as crianças à vontade, desde a sua entrada é a simplicidade da instalação. Não há nada intrigante, nada de recantos, não há armário misterioso, nem instrumentos incompreensíveis. A porta abre-se, a criança entra, a porta fecha-se e ela é tomada pelo ambiente. Apenas com um olhar já viu tudo, apreendeu tudo; quatro paredes coloridas, uma fila de cores e, numa ponta, uma resma de papel que se oferece à vontade. Ainda mal teve tempo de pensar, convidam-na a pegar numa dessas folhas e fixá-la na parede. E já está a pintar. Não há inércia; a atividade está no espaço.

Stern (1978, 2011) orienta que cada participante pinte na sua folha; não é permitida a intervenção na pintura uns dos outros, pois cada um tem seu universo e seu processo, que não deve ser invadido. Não se deve apoiar a mão ou o braço na folha, usando o pincel de modo horizontal a ela, permitindo seu movimento com liberdade. Deve-se segurar o pincel no meio e não na extremidade, colocando a ponta do pincel um pouco na água e um pouco na tinta, aprendendo essa medida. Se necessário, o facilitador segura na mão da criança e mostra como segurar o pincel e dosar água e tinta, geralmente o faz, especialmente com as crianças menores ou nos primeiros contatos dos pintantes com a mesa-paleta.

Não há modelos a seguir e não se deve expressar juízo de valor sobre as pinturas realizadas. Ao final da sessão, todas as pinturas são datadas, identificadas na parte de trás da folha e armazenadas em pastas individuais que permanecem no ateliê, e os participantes podem dar continuidade a pinturas anteriores nas sessões subsequentes, caso desejem, assim como podem aglutinar vários papéis para fazer pinturas maiores.

Para que o Jogo de Pintar aconteça, é vital compreender o papel do atelierista, o *Servant*, como Arno Stern denomina e que, segundo ele, é uma “profissão” que ele criou, específica para o trabalho no *Closlieu*. O *Servant* é o “animador” da sessão, ele está ali para “servir”, cuidar para que o jogo aconteça – ou seja, para que a única preocupação do participante seja pintar. Ele chega cedo, deixa tudo preparado: as tintas, a água, os pincéis, os papéis no lugar. Tudo limpo e organizado, sem vestígios de sessões anteriores. Segundo Stern (1978, p. 99):

Uma sessão deve começar sempre com as paredes vazias; nem mesmo folhas brancas devem estar aí. Em contrapartida quando as crianças chegam, tudo deve estar a postos; os pincéis no lugar em cima da mesa, tinta nos “godets”, a pasta do grupo no seu lugar. Cada um pode começar a trabalhar e o educador está física e espiritualmente disponível.

O *Servant* fica atento às necessidades individuais e coletivas de cada um, se antecipando e oferecendo alternativas que promovam conforto ao pintar (bancos, almofadas, escada etc.), cuida para

recuperar “gotas” de tinta que, porventura, possam escorrer e estragar a pintura e faz as misturas de cores solicitadas. Ele zela pela organização e regras do jogo, ensinando sutilmente como as crianças devem usar a mesa-paleta, os pincéis, as tintas, a água e todo o restante. Entretanto, a figura do *Servant* vai além dessa dimensão organizacional do servir; ela também deve promover segurança e proteção:

A criança tem necessidade de sentir a presença protectora e encorajante do educador. A pintura é um jogo; é também um diálogo entre a criança e o adulto: na segurança do atelier, é o seu meio de comunicação e entendimento. É por isto que eu, a todo momento, mostro à criança que compreendo o que ela faz e o que sente (Stern, 1978, p. 101).

Subjetivamente, o *Servant* não deve julgar as criações ou intervir de modo invasivo nos processos criativos dos participantes, o que não quer dizer que não interaja ativamente durante as sessões. Ele deve encontrar meios de encorajar o jogo, sem dar conselhos arbitrários ou autoritários, algo bem delicado de se fazer e que requer experiência. Stern (2011, p. 37) nos diz: “[...] é meu trabalho fazer descobrir a cada um o prazer do saber-fazer a serviço da espontaneidade”⁶. Não é apontar “faça assim”, “aqui está muito vazio, preencha” ou “coloque mais cores” etc., pois, segundo ele, essas intervenções partem daquilo que o adulto acha ou quer da pintura da criança, a coloca em um lugar de passividade, de não autonomia. O contrário disso é incentivar a autoconfiança, encorajar o jogo, a ação, a convicção: “pegue o pincel, ele saberá o que fazer”. Encontrar um equilíbrio entre o “calor” e o “rigor”, promover uma ética no servir, estar verdadeiramente presente o tempo todo e atento a tudo, sem negligências (Stern, 2011). Em suas palavras: “Qualquer ocasião serve para educar, tudo é pretexto para uma experiência. Nada é ínfimo demais para ser educativo” (Stern, 1978, p. 82).

Na mesa-paleta, há 18 cores e três pincéis para cada cor, do fino ao mais grosso. Isso facilita que as crianças tenham uma gama de cores para escolher e torna tudo mais prático, sem desperdício de tintas, sem perda do foco da pintura, objetivo principal do Jogo de Pintar. Se as crianças necessitarem de alguma cor para além das que estão dispostas, o *Servant* a fará com sua supervisão e proverá a quantia necessária. Os participantes rapidamente compreendem o esquema de uso dos pincéis, que está atrelado à cor e que é preciso respeitar esta organização: para cada cor, seus pincéis. E assim é possível pintar sem perda de tempo, desordem e apenas uns pingos no chão, que são limpos rapidamente pelo *Servant*.

Podemos afirmar que se trata de um jogo de detalhes, sutileza e escuta: “O clima do atelier depende muito das pequenas observações e de detalhes nas relações. É difícil dar uma imagem destes detalhes porque o essencial está nestes pequenos nada” (Stern, 1978, p. 86). No *Closlieu*, “[...] o

⁶ Traduzido de: “*c’est mon travail de faire découvrir à chacun le plaisir du savoir-faire au service de la spontanéité*” (Stern, 2011, p. 37)

educador distingue-se da maior parte dos que exercem uma profissão banal pela sua tolerância, a sua compreensão dos outros, a sua receptividade” (Stern, 1978, p. 46). Para o autor, a responsabilidade da ação educativa do educador é permanente, não se limita apenas ao ateliê, o que expressa sua condição e postura ética.

Há muitas particularidades dentro do *Closlieu*, o qual aparenta simplicidade, porém abriga uma série de procedimentos e práticas específicas muitas vezes “invisíveis”, o que faz com que seja tão singular e diferente da escola ou outros ateliês de arte para crianças. Em primeiro lugar, a criança não vai ser orientada tecnicamente de modo diretivo a pintar, mas vai aprender as técnicas de pintura pintando, pois saberá, por meio da prática regular, como melhor usar os materiais para obter os melhores resultados, ganhando as condições materiais para se expressar por intermédio da pintura. Os pincéis, finos e grossos, do tipo “aquarela”, podem grafar os mais variados tipos de traços, dos mais finos aos mais grossos, e são muito macios. A qualidade do material é extremamente importante para proporcionar uma experiência significativa. Arno Stern passou a fabricar seu próprio material, tintas orgânicas, pincéis artesanais etc., exclusivamente para o seu *Closlieu*.

Sobre o uso do termo “expressão livre”, para Stern ([19--]), o “livre” não significa “qualquer coisa”, um simples fazer sem sentido; significa que valoriza a verdadeira expressão, sem a intervenção castradora e controladora dos adultos, pois “[...] sem liberdade não há expressão, o produto nascido da criação limitada assemelha-se a um ovo não fecundado” (Stern, [19--], p. 19). No entanto, há de buscar-se equilíbrio entre a liberdade e a disciplina no trabalho do ateliê, portanto a regularidade e continuidade das atividades artísticas são muito importantes para acompanhar o processo de desenvolvimento das crianças.

Nisso vemos um esforço de Arno Stern em diferenciar a “arte da pintura” do “Jogo de Pintar”. No Jogo de Pintar, ele propõe uma “ruptura” com o hábito de criar obras com a missão comunicativa ou especulativa, focando no prazer espontâneo de criar sem um destinatário, sem necessariamente ter que comunicar algo, se endereçar a alguém, alcançar algum objetivo técnico etc. Essa prática levaria, então, a um exercício livre de julgamentos capaz de libertar sua expressão do interior (Stern, 2011), o que podemos vivenciar na prática no Ateliê Pintante do IPREDE, como veremos a seguir.

O Jogo de Pintar no Ateliê Pintante do Instituto da Primeira Infância

Todas as crianças pintam, porque todas as crianças brincam. Mas os jogos são efêmeros. E o desenho espontâneo o é também. O ateliê é o lugar onde o jogo se torna sério. É um país onde a atividade é o jogo e onde a linguagem são as imagens.
Arno Stern (1978, p. 21).

A aventura teve início em 2017, quando professores(as) da Universidade Federal do Ceará (UFC), do curso de Licenciatura em Teatro (Instituto de Cultura e Arte – ICA/UFC) e Pedagogia (Faculdade de Educação – FACED/UFC) se aproximaram (e se apaixonaram) do/pelo Instituto da Primeira Infância (IPREDE), plantando uma semente chamada “Ateliê do IPREDE” (Silva et al., 2019), que cresceu vertiginosamente e, de projeto, passou a programa de extensão, abrigando vários projetos, entre eles o “Ateliê Pintante”, criado em 2019 e implementado em 2020.

O IPREDE é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) criada em Fortaleza em 1986 como uma unidade de saúde voltada para a erradicação da desnutrição grave de crianças em situação de vulnerabilidade social e pobreza. Ao longo dos anos, o

[...] IPREDE tornou-se um Centro de Referência sobre a primeira infância, além de um espaço de produção, ensino e divulgação da temática para a comunidade através da articulação de ações com diversos setores da sociedade na disseminação conhecimentos técnico-científicos, produção e promoção da cultura e da arte como instrumento de conscientização e valorização do cidadão sempre com foco no fortalecimento da mulher e a inclusão social das famílias assistidas (IPREDE, 2022).

Desde o início, nosso *modus operandi* no Ateliê do IPREDE teve a contação de histórias e o desenho infantil como os principais eixos de atuação e, da prática do desenho junto às crianças, fomos colhendo uma série de observações e aprendizagens extremamente importantes, pois é no exercício plástico do desenho que elas vão elaborando suas percepções, vão construindo seus conhecimentos e vão se expressando. Assim sendo, o lugar do desenho se constituiu como o lugar da espontaneidade, do não-julgamento, do diálogo, da autenticidade e da singularidade, em vez do lugar-comum geralmente ocupado pela simples recreação ou passatempo, como ocorre na maioria dos espaços de assistência social.

Tendo em vista estarmos no terceiro setor, em um ambiente não escolar, nosso objetivo não é o da escola formal, portanto o foco não é o ensino, o conhecimento sistematizado, mas promover experiências estéticas e artísticas que sejam formativas, significativas e alimentem a alma e o espírito das crianças e de suas famílias, trazendo paz de espírito, acolhimento, alumbramento, encantamento e aprendizagens sensíveis.

As atividades com desenho levaram ao desejo de se criar um ateliê específico para as artes plásticas, e apresentamos a proposta de Arno Stern e seu *Closlieu* para a instituição em 2019. Desse sonho coletivo inicial, fomos em busca de referências, orientações e formações que nos ajudassem a implementar um ateliê “inspirado” no *Closlieu*, adaptado à nossa realidade e contexto social, cultural e econômico. Pela impossibilidade de nos formarmos com Arno Stern em seus cursos no *Closlieu* em

Paris, chegamos à arte/educadora Soraya Lucato⁷, principal difusora de Arno Stern no Brasil, que nos ofertou em suas formações toda a atualidade da obra de Stern, como a parte prática do *Jogo de Pintar* e a estruturação física do *Closlieu*. Posteriormente, Lucato institucionalizou parceria oficial com o IPREDE, implementando, em 2021, seu “Ateliê Cloliê” na instituição, composto de seu próprio ateliê trazido de São Paulo (mobiliário, materiais etc.).

Nossa equipe de docentes e estudantes, a maioria do curso de Pedagogia, bolsistas e/ou voluntários dos projetos de Extensão e de Iniciação Científica, teve a oportunidade de se formar e participar na montagem do Ateliê Cloliê, assim como acompanhar algumas sessões de *Jogo de Pintar* com Soraya Lucato. Nas imagens da Figura 3, vemos a participação da equipe na montagem do Ateliê Cloliê e as obras originais atuais de Arno Stern. Em 2021, a parceria institucional entre o IPREDE e o Ateliê Cloliê foi encerrada, Lucato doou à instituição todo o conteúdo do seu ateliê montado, e o projeto de extensão assumiu, junto ao IPREDE, a coordenação do espaço, batizando-o de “Ateliê Pintante”.

FIGURA 3 – Montagem do Ateliê Cloliê de Soraya Lucato no IPREDE, 2021⁸



Fonte: Arquivo do Ateliê Pintante.

O Jogo de Pintar no Ateliê Pintante

Nosso relato parte de resultados de pesquisa empírica realizada no Ateliê Pintante entre 2022 e 2024 com crianças de 3 a 7 anos em extrema vulnerabilidade social encaminhadas ao IPREDE pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A extensão sempre esteve atrelada à pesquisa, e a equipe atuante, composta pela coordenação dos projetos e bolsistas e voluntários, estudantes de pedagogia, é orientada, a partir de observação participante cotidiana, a realizar registros de todas as sessões, por

⁷ Soraya Lucato fez formação com Arno Stern em seu *Closlieu* em Paris e tem vasta experiência como *Servant*. Principal difusora de Stern no Brasil, ela promove formações de facilitadores de *Jogo de Pintar* e montagem de ateliês no Brasil e em outros países da América Latina.

⁸ A montagem teve participação dos bolsistas da Pró-Reitoria de Extensão (PREX) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com obras originais de Stern.

meio da fotografia, vídeos⁹ e anotações em *Diário de Itinerância* (Barbier, 2002), assim como o controle da participação das crianças e a organização das suas numerosas produções. Mantemos assim um acervo imagético expressivo das crianças pintando no ateliê e de suas produções de 2022 a 2024.

Iniciamos, oficialmente, em 2022 e, de posse do que havíamos aprendido diretamente com Lucato e com os estudos desenvolvidos no nosso grupo de estudo e pesquisa “Ateliar”, assim como com a estrutura do ateliê toda montada, buscamos colocar em prática o Jogo de Pintar com as crianças, seguindo as regras básicas do jogo, acompanhando os processos artísticos e as experiências no interior das sessões, refletindo sobre a prática em momentos de formação, estudo e pesquisa.

Destacamos algumas adaptações às regras do Jogo de Pintar necessárias diante do contexto institucional: Stern orienta que a sessão seja composta por um público misto, de crianças a adultos, porém, no IPREDE, nos restringimos mais especificamente ao público infantil por dois motivos: em primeiro lugar, porque é o principal público atendido pela instituição; em segundo, porque seus acompanhantes e/ou familiares também recebem atendimentos na instituição e as crianças não podem ficar sós. Assim sendo, esses atendimentos coincidem com o horário das sessões de Jogo de Pintar.

Arno Stern trabalhava sozinho em seu ateliê, mas, no IPREDE, precisamos incluir, além do facilitador principal, um atelierista assistente. O atelierista mais experiente assume o papel de facilitador e tem o suporte de um voluntário, o qual, além de ter a oportunidade formativa no ateliê, cumpre com tarefas logísticas, desde acompanhar uma criança ao banheiro a levá-las ao encontro de seus responsáveis, pois as crianças estão sob nossa responsabilidade e não podem ficar a sós no ateliê. O público, sendo basicamente da mesma faixa etária, tem necessidades similares e exige bastante atenção e acompanhamento, assim como as crianças menores precisam de um cuidado mais próximo com relação ao uso da mesa-paleta, portanto o trabalho em dupla não sobrecarrega os facilitadores, que se tratam, na maioria das vezes, de estudantes em formação.

Outras adaptações dizem respeito ao material, realizadas em função do quantitativo de crianças e da realidade econômica do projeto, feitas cuidadosamente sem prejudicar a qualidade da experiência: em vez de cartolinas grandes, usamos papel sulfite tamanho A3; buscamos pincéis mais acessíveis, com qualidade e que pudessem promover uma experiência semelhante. Com relação às tintas, usamos tinta guache e, das 18 cores da mesa-paleta, é possível encontrar quase todas já prontas, as demais produzimos por meio de misturas. À parte essas adaptações, temos muito cuidado em seguir as demais regras essenciais propostas para o Jogo de Pintar conforme orientado por Arno Stern e descrito até aqui.

⁹ Para visualizar alguns desses registros regulares, visite o Instagram do projeto. Disponível em: <https://www.instagram.com/ateliiepintante/>. Acesso em: 27 out. 2024.

E o Jogo de Pintar começa: a criança chega ao Ateliê Pintante, pega um papel, escolhe o lugar onde quer pintar, e o *Servant* auxilia a fixá-lo na parede, e o jogo inicia! Esse momento é sempre muito interessante, pois, no geral, elas são muito ativas e autônomas e logo começam o movimento entre a mesa-paleta e seus papéis na parede, como podemos ver na sequência de imagens da Figura 4.

FIGURA 4 – Sessão de Jogo de Pintar – *Servant* e crianças do mesmo grupo, 2022



Fonte: Arquivo do Ateliê Pintante.

A partir da observação cotidiana, é possível percebermos as singularidades e coletividades do jogo, o que é de cada criança no seu processo expressivo e o que o coletivo produz no processo de interação durante a sessão. Enquanto as crianças pintam e se movimentam na sala, ao se servirem da tinta na mesa-paleta, muitas delas dançam, pulam, cantam, falam sozinhas, dialogam entre si, dão palpites, interagem com os facilitadores ou ficam muito concentradas em suas pinturas, em total silêncio. O espaço do ateliê permite a liberdade de expressão, da física e corporal à imaginativa, pois cada criança é livre para criar suas narrativas plásticas e orais como bem quer, em formas, cores, composições, temáticas etc. (Figura 5).

FIGURA 5 – Modos, gestos e movimentos do Jogo de Pintar (2022 a 2024)



Fonte: Acervo do Ateliê Pintante.

Cada sessão tem uma energia, um espírito, que se constrói entre seus participantes, sendo animada pelos facilitadores, os quais precisam estar presentes em sua inteireza para atenderem às

questões práticas, mas principalmente devem estar atentos às sutilezas, narrativas e diálogos, interações, necessidades de cuidado e dificuldades técnicas encontradas, buscando alternativas e soluções. O *Servant* interage constantemente, dialogando, estimulando, orientando e cuidando para que tudo ocorra bem: zelando pelo local correto dos pincéis na mesa, cuidando quando misturam alguma tinta, substituindo e repondo as tintas, mostrando o melhor uso da água e das tintas, como podemos ver na sequência de imagens da Figura 6 a seguir.

FIGURA 6 – *Servant* na interação com as crianças no uso da mesa-paleta, 2022



Fonte: Acervo do Ateliê Pintante.

As crianças atendidas no mesmo dia pela instituição formam um grupo fixo no ateliê, o que vai criando um vínculo afetivo com os facilitadores e entre elas. Diante da regularidade e frequência nas sessões, observamos como é importante estar nesse coletivo, e algumas crianças revelam essa necessidade de interagir entre si enquanto criam, gostam de “pintar junto” com quem sentem mais afinidade, e ali jogam, conversam e se divertem (Figura 7).

FIGURA 7 – A coletividade no Jogo de Pintar, 2022 a 2024



Fonte: Acervo do Ateliê Pintante.

Observamos, também, o desejo das crianças de pintar figuras maiores, aglutinando os papéis, uma possibilidade específica promovida pelo espaço do ateliê, a de usar a parede como suporte. Elas desejam transbordar, ampliar, e em algumas das composições há uma necessidade narrativa de incorporar cenas sequenciais às suas criações, contando histórias cheias de imagin(ação) (Figura 8).

FIGURA 8 – Pinturas em grande formato aglutinando papéis, 2022 a 2024



Fonte: Acervo do Ateliê Pintante.

A aquisição do domínio técnico no uso do material também é facilmente observada, na forma como seguram o pincel; o cuidado em dosar água e tinta, evitando encharcar o papel e sujar o ambiente; a forma como fazem a pincelada, compreendendo que o pincel pode promover traços delicados devido à sua ponta fininha, como traços mais espessos e grossos. Elas vão sendo orientadas e vão experimentando intuitivamente as potencialidades do material, como a versatilidade dos pincéis, a combinação das cores, a sobreposição ou transparência da tinta dosando tinta e água etc. É a partir da experiência que elas aprendem a pintar com guache, por meio do Jogo de Pintar em sua completude e não de uma aula técnica e diretiva de pintura. Observamos que, além da interação com o *Servant*, o espaço também educa, a mesa-paleta educa, o pincel educa, o papel educa, a tinta e a água educam, e seu uso em evolução permite que alcancem seus objetivos em suas pinturas e se sintam felizes e satisfeitas com a experiência de pintar e criar suas imagens (Figura 9).

FIGURA 9 – Domínio dos materiais, 2023 e 2024



Fonte: Acervo do Ateliê Pintante.

As criações espontâneas das crianças são fruto de seus mundos de vida, como diários íntimos, e não devem, no contexto do Jogo de Pintar, ser expostas como “obras de arte”, assim como não devem atender a expectativas ou especulações do que significam ou demonstrar algum domínio ou apuro técnico. Cotidianamente, vemos nascer milhares de pinturas, às quais devemos evitar julgamentos de beleza, apesar de nos extasiarmos com elas. No ateliê, é possível vermos criações vivas e intensas das crianças, espontâneas e originais, o que se diferencia, muitas vezes, das produzidas em outros ambientes. Gostamos de pensar que a liberdade proporcionada pelo Jogo de Pintar promove essa expressividade intensa, como podemos ver nas imagens da Figura 10.

FIGURA 10 – Pinturas resultantes do Jogo de Pintar, de 2022 a 2024



Fonte: Acervo do Ateliê Pintante.

As contribuições da prática do Jogo de Pintar no Ateliê Pintante do IPREDE para as crianças são visíveis em seus comportamentos, suas expressões corporais, suas interações e suas criações. As crianças captam rapidamente as regras do jogo, e é possível identificar seu protagonismo e autonomia na ocupação do espaço e no uso dos materiais disponíveis em prol de suas produções artísticas por meio da pintura. Elas ocupam o espaço com o corpo todo, mostrando-se à vontade para se expressar

corporal e plasticamente, demonstrando cuidado com o uso do espaço e dos materiais, dedicação e concentração em suas pinturas. Vemos sua empolgação em interagir com o coletivo, sorrindo, dialogando, trocando ideias, pintando juntas, assim como aprendem a respeitar e ter paciência no uso coletivo da mesa-paleta e demais materiais.

A regularidade das sessões de *Jogo de Pintar* e a frequência das crianças permite que se apropriem e apreendam cada vez mais os aspectos técnicos da pintura, como usar o pincel, as tintas, a água e os resultados das experimentações nas suas composições, assim como podemos acompanhar a evolução dos seus processos plásticos, que vão se desenvolvendo, evoluindo e se complexificando em formas e temáticas. A ausência de julgamentos, modelos e comparações permite que a imaginação flua em total liberdade e espontaneidade, e elas jogam sem esperar elogios ou validações dos adultos, o que permite expressarem livremente seus mundos de vida. Elas se sentem mais confiantes e criam vínculos entre si e com os facilitadores, partilhando suas narrativas plásticas e orais, suas experiências de vida, descobertas, medos, sensações, aprendizagens, aquilo que é importante para elas.

Como projetado por Arno Stern, o ateliê deve ser um lugar abrigado e protegido, e o *Servant* deve “servir” aos pintantes, proporcionando suporte e segurança. Consideramos que o *Ateliê Pintante*, guardadas as adaptações, promove a experiência do *Jogo de Pintar* em sua essência, permitindo que as crianças pintem espontaneamente, sem julgamentos, com profundo respeito aos seus processos criativos.

“A escuridão também pode ser colorida”: últimas palavras

No interior do *Ateliê Pintante*, todos os dias presenciamos novos acontecimentos, situações, narrativas plásticas e orais, o que o torna uma usina de criação tão especial. Somos testemunhas do nascimento das pinturas das crianças, acompanhando desde a primeira pincelada à conclusão de suas criações. Vamos vendo como vão compondo suas imagens e suas narrativas, como combinam as cores, como ocupam o papel, como pintam com todo o corpo, em um processo vivo e intenso. As crianças demonstram total domínio do ambiente e são protagonistas do *Jogo de Pintar*.

Ao longo dos anos, observamos a importância do *Ateliê Pintante* no interior da instituição para o público de crianças em extrema vulnerabilidade social, pois o ambiente do ateliê proporciona uma pausa, um respiro diante das severas adversidades enfrentadas por elas, que vai da insegurança alimentar à exposição a uma série de violências e agressões familiares e sociais. No ateliê, elas podem jogar, ter a liberdade de criar e expressar aquilo que têm desejo, suspendendo temporariamente o estresse de suas vidas cotidianas. O *Jogo de Pintar* é como um portal para seus mundos de vida – interiores e exteriores –, pois, a partir dele, elas podem dar forma e conteúdo às suas experiências

por meio da imaginação e das imagens, plasmadas pela experiência da pintura, com suas cores, formas, gestos, texturas e figuras. Elas também não estão sós, encontram um facilitador cuidadoso e dedicado a elas, assim como encontram interlocução e diálogo com outras crianças.

Dentro desse ambiente protegido, elas encontram espaço seguro para serem quem são e autoconfiança para se expressarem por intermédio da pintura. Elas partilham suas narrativas com os facilitadores como confissões, como a que está no título dessa conclusão: “a escuridão também pode ser colorida”, que revela o quanto esse espaço é precioso para elas, promovendo um lugar de expressão, autoconhecimento, desenvolvimento estético, artístico e sensível, extremamente vital na primeira infância.

Referências

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Editora Plano, 2002. (Série Pesquisa em Educação, V. 3).

INSTITUTO DA PRIMEIRA INFÂNCIA. Quem somos. Prazer, nós somos o IPREDE. **IPREDE**, Fortaleza, 2022. Disponível em: <https://iprede.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 27 out. 2024.

SILVA, C. V.; GOLDBERG, L. G.; PINTO, P. A. H. S.; LARRIPA, T. Q. B. Ateliê do IPREDE: experiência e educação estética no terceiro setor. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 1, n. 17, p. 8-17, jan./jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.32356/exta.v1.n17.33543>

STERN, A. **Aspectos e técnicas da pintura de crianças**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

STERN, A. **Uma nova compreensão de arte infantil**. Lisboa: Livros Horizonte, [19--].

STERN, A. **Iniciação à educação criadora**. Lisboa: SOCIOCULTUR, 1978.

STERN, A. **Le jeu de peindre**. Paris: Actes Sud, 2011.

STERN, A. **Del dibujo infantil a la semiología de la expresión**: iniciación a outra mirada sobre el trazo. Valencia: Editorial Samaruc, s.l., 2016.

Recebido: 28/11/2024

Aceito: 11/02/2025

Received: 11/28/2024

Accepted: 02/11/2025

Recibido: 28/11/2024

Aceptado: 11/02/2025

